



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Crenças e Religiosidades

RELIGIOSIDADES E JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA: ALGUMAS REFLEXÕES

PINHEIRO, Marcos F. G.

Licenciado em Educação Física e Mestre em Lazer

Universidade Federal de Minas Gerais

UFMG, marcosfgpinheiro@gmail.com

Resumo

Este trabalho pretende discutir o papel que as religiosidades manifestadas por grupos organizados dentro da UFMG desempenham na vida acadêmica de estudantes e as influências na sociedade. Mesmo entre jovens, em décadas passadas tidos como militantes políticos, desinteressados pela religião, ela está bem viva e atuante. Até mesmo, e cada vez mais, no ambiente que se cobra cético, racional e científico: a universidade. A cientificidade presente nas universidades, extremamente valorizada, requerida atualmente, pode ser considerada reflexo de objetivos apresentados no último século, época tida como a da razão. Período que buscava e anunciava uma hegemonia da ciência e maneiras de explicar o mundo inteiramente desencantadas, já desprovidas da necessidade de apelo à magia, ao sobrenatural, às explicações que escapam do controle racional. Entretanto, as universidades brasileiras estão repletas de grupos religiosos que se reúnem para orar, cantar, missionar, entre outros, ocupando diversos espaços. Estes grupos trazem consigo, além de suas crenças, valores, culturas, inquietações. A universidade, enquanto espaço de desdobramentos de processos de escolarização e de formação profissional, sofre interferências inúmeras, de diversas ordens sociais, culturais e políticas. E dentre essas, é afetada também pela religião, pelas crenças do indivíduo, uma vez que, como visto, a religiosidade pode estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações no ser humano; ajustar as ações, os comportamentos e conduzir condutas.

Abstract

This paper discusses the role that religiosity expressed by organized groups within the UFMG take in the academic lives of students and influences on society. Even among young people in past decades regarded as political activists, uninterested in religion, it is very much alive and active. Even, and increasingly, the environment that is charged skeptical, rational and scientific: the university. The present scientific universities, highly valued, currently required, can be considered reflective of the objectives presented in the last century, when taken as a reason. Period and announced that sought hegemony of science and ways to explain the world completely disenchanted, already devoid of the need to appeal to magic, the supernatural, explanations that are beyond rational control. However, Brazilian universities are filled with religious groups that meet to pray, sing, missionary work, among others, occupying different spaces. These groups bring with them, and their beliefs, values, cultures and concerns. The university, as an area of unfolding processes of schooling and vocational training, many suffer interference from various social orders, cultural and political. And among these, is also affected by religion, the beliefs of the individual, since, as seen, religion can establish powerful, pervasive and enduring dispositions and motivations in humans and adjust the actions, behaviors and life's leading.

Palavras-chave: religiosidade; juventude; universidade.

Keywords: religiosity; youth; university.

PAP 0203

1 INTRODUÇÃO

Envolvendo um número de pessoas maior até mesmo do que a população de vários municípios brasileiros, as universidades, principalmente públicas, lidam diariamente com milhares de pessoas entre estudantes da educação básica, graduação e pós-graduação, docentes e funcionários/as, além da comunidade externa. Por exemplo, a *Universidade Federal de Minas Gerais* (UFMG) lida diretamente, em seu cotidiano, com aproximadamente 50 mil pessoas.¹ São indivíduos de várias partes do Brasil e também de outros países. As universidades se tornam então, dada a heterogeneidade de pessoas que as frequentam, um campo fértil para a proliferação de culturas, saberes, hábitos, práticas sociais, modos de vida, lazeres e religiosidades.

Nos quadros e murais de avisos espalhados pelas unidades acadêmicas, ao lado das mais diversas propagandas de festas, shows, olimpíadas universitária, entre outros, encontram-se inúmeros convites para cursos, reuniões e encontros religiosos.² Tais grupos se reúnem diariamente no tempo disponível, durante os intervalos das aulas e das atividades acadêmicas, em diferentes espaços dos *campi* da UFMG, fomentando questões sobre os papéis da religiosidade na vida de jovens universitários/as.

Isso pode ser percebido percorrendo seus prédios, unidades acadêmicas, dentre vários outros espaços. Há uma presença constante, e aparentemente crescente, de movimentos religiosos dentro das universidades e que, muitas vezes, passam despercebidos: uma presença óbvia, mas, invisível. Jovens, homens e mulheres, que se apropriam dos espaços para orar, cantar e missionar. Provenientes de diferentes níveis sociais, de vários cursos e áreas do conhecimento, tanto da graduação como da pós-graduação.

Formados por discentes, docentes, funcionários/as e pela comunidade externa às universidades, esses grupos com suas práticas, eventos e atividades, apontam para experiências significativas, pouco abordadas, mas que vêm aumentando dentro e fora do ambiente universitário; experiências vivenciadas em muitos aspectos como momentos de lazer. Como observa Procópio (2009), vão além da universidade, por meio de festas, passeios e retiros. O autor ainda mostra, ao estudar a juventude universitária católica carismática a partir dos *Grupos de Oração Universitários* (GOUs), que tais grupos exercem papel importante na constituição dos sujeitos universitários, entendendo que a universidade modifica o/a estudante, que com o passar dos anos, adquire códigos, modos de agir e de se comportar que o/a identificam como parte integrante da comunidade universitária. É onde se aprende o que é academicamente válido e aceitável.

Carrano (2009, p. 216) também mostrou que “*a experiência da vida universitária não se encerra na sala de aula, ainda que seja este o território por excelência das aprendizagens universitárias, e no trato com as disciplinas*”. Segundo o autor, o “ser universitário” diz respeito a processos de formação humana e não apenas profissional. Todavia, a laicização preconizada em diversas instituições neste último século fez com que a universidade também não se importasse, ou, se afastasse das questões religiosas vividas em seu meio. Questões instigantes e importantes que dizem respeito à religiosidade presente na vida de estudantes, em especial, da juventude universitária brasileira. Experiências religiosas que podem interferir nas formas de se divertir, de estudar, de trabalhar, de amar, de viver, de nascer e morrer. Assim, sociólogos, como Pierucci e Prandi (1996) mostraram que a religiosidade intervém na visão de mundo, muda hábitos, inculca valores, enfim, é uma fonte de orientação de conduta e da vida.

Tais fatos podem ser percebidos em estudos realizados com jovens, universitários/as e não universitários/as, na interface juventude, lazer e uso de drogas. Entre os fatores considerados para o consumo de álcool e outras drogas está o aspecto religioso; traduzido, por exemplo, pelo fato de se ter ou não religião e praticá-la influenciar o consumo de drogas (Silva et al., 2006; Romera & Reis, 2009).

Pode-se ver que “*a religião continua a atuar sobre a vida, a ser fonte de sentido e de experiência, mas não necessariamente e unicamente sob a forma exclusivamente formal da religião institucional e tradicional ou do mero produto do consumo*”. Atualmente, a religião, ou as religiosidades, fazem “*parte das referências culturais mais imediatas desses jovens*” (Perez, Tavares & Camurça, 2009, p. 200).

Entretanto, ainda é possível perceber uma escassez de estudos nos níveis de Mestrado e Doutorado na área da Educação Física, como em outras áreas, que abordassem, por exemplo, a relação entre lazer, animação

sociocultural, esportes e religiosidades. Tal situação se agrava quando considerado o universo jovem. Nesse sentido, Marcellino (2007, p. 13) corrobora com este levantamento inicial ao mostrar que quando se enfoca o lazer “*quase sempre restringe-se a um dos seus conteúdos culturais [...] não contemplando, assim, as discussões nas diferentes esferas do fazer cultural*”.

Não obstante, Sposito (2009) mostra que a religiosidade não deixou de ser considerada nos currículos universitários. Ao contrário do que vem acontecendo na Educação Física e em outras áreas, nas Ciências Sociais, sobretudo na Sociologia e Antropologia, os aspectos religiosos já se caracterizam como um sólido objeto de estudo. A religiosidade e o lazer, como sistemas de práticas e experiências culturais da sociedade, de uma forma geral, visíveis nas diversas festas religiosas, modos de vida e crenças, são abordados por diferentes campos do conhecimento, onde cada um aborda academicamente o assunto sob o olhar científico específico de sua área.

Dessa maneira, questiona-se como a religiosidade da juventude universitária tem se relacionado com as possibilidades de se inserir no mundo, vivenciar o lazer, os esportes, as diversões, as festas e o ambiente acadêmico? Como as práticas sociais religiosas educam a juventude mostrando formas de lidar com o corpo, com a sexualidade, com os processos universitários de formação humana? Como tais práticas religiosas, de sociabilidade juvenil, produzem vínculos, afetividades, valores, enfim, produzem identidades, sentidos e significados para os lazes e para a vida acadêmica? Como as crenças controlam, e até que ponto determinam as experiências de lazer? Como os grupos se relacionam entre si? Além disso, como a universidade e o campo acadêmico, científico, tem lidado com os diferentes tipos de jovens e religiões, suas práticas, seus saberes, seus valores?

Em face dessas ponderações iniciais, o presente estudo tem como objetivo principal problematizar sobre o papel das práticas sociais, produtoras de vínculos, de identidades de modos de vida e de comportamentos, manifestadas por grupos religiosos na vida de jovens estudantes de universidades brasileiras, mais especificamente da UFMG. Para isso, propõe-se, entre outras ações futuras: Identificar e mapear as modalidades religiosas e os grupos religiosos presentes na universidade; Descrever mecanismos e estratégias de atuação desses grupos religiosos atuantes na universidade; Analisar como as diversas manifestações religiosas vêm influenciando, regulando e pautando, as práticas de lazer e as atividades acadêmicas de estudantes; Discutir como tais religiões/religiosidades atuam na construção de determinados sujeitos.

2 RELIGIOSIDADES JOVENS

Considerada reflexo de objetivos apresentados no último século, uma dada “cientificidade” está presente nas universidades, extremamente valorizada, requerida e cobrada atualmente. Ao comentar sobre as décadas finais do século XX, Prandi (1996, p. 93) considera que deixamos uma época tida como o século da razão. Período que buscava e anunciava uma hegemonia da ciência e maneiras de explicar o mundo “*inteiramente desencantadas, já desprovidas da necessidade de apelo à magia, ao sobrenatural, às explicações que escapam do controle racional*”.

Entretanto, como mostram várias autoras e autores (Chauí, 2007; Novaes, 2005; Prandi, 1996; Modesto, 2006; Perez, 2009) referenciando o desencantamento do mundo proposto por Weber, atualmente observa-se um reencantamento. “*A religião, ao contrário do que previam algumas teses da secularização, apresenta pleno vigor e mesmo uma renovação*”; os/as jovens, “*demonstram vivo interesse pela religião – que alguns ainda tratam como alienação enclausurante. Têm um interesse muito maior pela religião do que pela política partidária*” (Perez, Tavares & Camurça, 2009, p. 191).

Mesmo entre jovens, em décadas passadas tidos/as como militantes políticos/as, desinteressados/as pela religião, ela está bem viva e atuante, tanto na esfera privada quanto na pública, revigorada em suas diversas e múltiplas epifanizações (Perez, 2009). Como mostram Perez, Tavares e Camurça (2009, p. 200), a participação de jovens em associações e atividades religiosas é um elemento fundamental de sociabilidade.

“Ou seja, são coisas que eles gostam de fazer. Neste plano, religião é lazer, insere-se em outras referências culturais, como atestam os conteúdos religiosos de certos segmentos de rap e de hip-hop, que tanto sucesso fazem entre eles”.

Nesse sentido, as definições de religião dada por Geertz (1978) e de religiosidade utilizada por Ribeiro (2009) são bastante propícias para situarmos tais modalidades religiosas.³ Segundo Geertz (1978, p.104):

Religião é um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas.

Já a religiosidade, para Ribeiro (2009, p.16) *“é uma capacidade humana, histórica e culturalmente determinada, de elaborar sentidos para a totalidade da existência”.*

De acordo com Geertz (1978, p. 104), *“a noção de que a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana não é uma novidade”*, mas, ao mesmo tempo, *“ela também não é investigada e, em termos empíricos, sabemos muito pouco sobre como é realizado esse milagre particular [...] realizado anualmente, semanalmente, diariamente e, para algumas pessoas, até a cada hora”.* Fatos observáveis no cotidiano de grupos que podem ser encontrados nas universidades.

Corroborando com esta afirmação, aparentemente obsoleta, Oliveira (2000) demonstra que há uma imensa lacuna a respeito dos aspectos religiosos de jovens estudantes, sujeitos que vivenciam a formação profissional no meio universitário, *“locus secularizado, voltado para a compreensão científica dos fenômenos físicos e sociais”* (Oliveira, 2000, p. 29). Espaço de desdobramentos de processos de escolarização e de formação profissional que sofrem interferências inúmeras, de diversas ordens sociais, culturais e políticas. E dentre essas, são afetados também pela religião, pelas crenças do indivíduo, uma vez que, como visto, a religiosidade pode estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações no ser humano, ajustar os divertimentos, as ações, os comportamentos e conduzir condutas.

Ainda pouco estudadas, Ribeiro (2009) chama a atenção para as amálgamas que a juventude está fazendo com materiais da cultura mundializada, das condições socioeconômicas, políticas e religiosas. A partir desse conjunto resultam modos de compreender o mundo e se inserir nele.

Não obstante, o levantamento organizado por Sposito (2009) sobre o *“estado da arte”* realizado no campo dos estudos sobre Juventude em programas de pós-graduação do Brasil apresenta um panorama mais amplo. Foram consideradas as áreas de Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (Sociologia, Ciência Política e Antropologia) no período de 1999 a 2006. De acordo com a autora, *“chama a atenção a baixa frequência de estudos sobre os jovens na intersecção família e religião”* (Sposito, 2009, p. 29). A autora ainda comenta, que a religião, enquanto um universo de práticas e de processos de reprodução cultural na sociedade brasileira e objeto de estudo, está consolidada nas Ciências Sociais, embora ainda se manifeste por meio de *“estudos específicos sobre os jovens de forma muito discreta”* (Sposito, 2009, p. 29). Já o lazer, na maioria das vezes, aparece timidamente no bojo dos estudos sobre Juventude e Esportes ou Juventude, consumo e sociabilidade.

Carrano (2009) organizou e analisou todos os trabalhos deste mesmo período que tratavam de jovens universitários/as. O autor mostra que a expansão no ensino superior brasileiro, tanto público como privado, tem feito com que a universidade não seja mais reduto de elites intelectuais.⁴ O ensino superior passou a receber novos sujeitos de classes, de raças, gêneros e por que não de religiões diversas, provocando novos fenômenos sociais que precisam ser considerados para se entender o que significa ser estudante universitário/a hoje.

Dos muitos trabalhos analisados por Carrano (2009), entre teses e dissertações, nenhum apontou, pelo menos não explicitamente, uma discussão direta sobre a religiosidade e, ou, lazer no meio acadêmico. O autor considerou trabalhos que tinham como questões de pesquisa os valores de jovens universitários/as, as relações interpessoais, os espaços de lazer e de convivência comunitária e relacionamentos nas

universidades, o envolvimento e influência de outros espaços e tempos educativos e culturais, mas nenhum relacionado diretamente à religiosidade. Além disso, algumas dessas investigações apresentam o/a estudante universitário/a como *“simples informante das condições de aprendizagem ou produto direto de múltiplas determinações sociais e ou institucionais sobre as quais exerceria pouca influência”* (Carrano, 2009, p. 210).

Em face da escassez de pesquisas que abordem a religiosidade nos contextos universitários brasileiros, tais trabalhos podem lançar luz a aspectos antes negligenciados por estudos que se preocupavam fundamentalmente com questões políticas, pedagógicas, didáticas ou institucionais. Ainda segundo Carrano (2009), a maioria desses trabalhos enxerga o sujeito universitário apenas como aluno/a desconsiderando outras dimensões da vida: variáveis como crenças, valores espirituais e religiosos e o papel destes nas vivências de lazer, nos processos educativos e socioculturais associados a trajetórias de vida, configurações identitárias e projetos de futuro de jovens universitários/as. Talvez, reflexo da racionalidade científica atual, muitas vezes, empobrecedora das relações humanas.

Após o desvanecimento da modernidade, no advento da pós-modernidade, quando não mais domina uma visão iluminista do ser humano, *“puramente racional, definitivamente liberto do fascínio religioso”*, tem-se uma *“nova Era neo-romântica”* (Modesto, 2006, p. 78). Tomando rumos diferentes das previsões, a história mostra que há um reavivamento do sentimento religioso, fazendo com que o indivíduo se apegue a tudo aquilo que diz respeito à religião. Jovens do mundo todo se voltam para movimentos religiosos e esotéricos, sem falar no êxito de movimentos renovadores no cristianismo. Assim, mesmo que as instituições educativas, como a universidade, mantenham a responsabilidade oficial de transmissora de culturas, *“a Religião, mesmo perdendo influência e legitimidade, continuou a exercer seu papel na educação das massas, conseguindo, inclusive, articular áreas da experiência humana que o sistema educacional oficial não soube trabalhar”* (Modesto, 2006, pp. 78-79).

3 CIÊNCIA, UNIVERSIDADE E RELIGIOSIDADE

Com o advento da modernização, esperava-se que muitas das questões e problemas humanos pudessem ter como solução, recursos oferecidos pelo pensamento racional, científico, ao invés do pensamento mágico, sobrenatural, religioso. Entretanto, o que se pode perceber, de acordo com Prandi (1996, p. 93), foi uma *“ciência insuficiente, não só do ponto de vista de seus resultados, seja ela básica ou aplicada”*, mas também, e principalmente, quando se focaliza as *“instituições responsáveis pela aplicação das conquistas científicas e administração da razão”*. Desse modo, a busca massiva por curas religiosas e por resoluções sobrenaturais para problemas e aflições da vida acompanha a sociedade, seguida de perto pela universidade.

Tal fato evidenciou-se na pesquisa realizada por Marciano, Oliveira e Silva (2009), que demonstram ser a religião, o fator isolado mais importante na determinação da qualidade de vida de crianças e adolescentes com doenças renais crônicas. Segundo o estudo, a religião auxilia no modo de lidar com tratamentos permanentes, bastante exaustivos. Ela ameniza a ocorrência de problemas como transtornos mentais, ansiedade, depressão, transtornos de conduta e dificuldades de relacionamento.

Entretanto, abordagens e considerações a respeito da religiosidade no meio acadêmico já existiam desde a Idade Média, embora, em moldes diferentes. Thayer (2002) mostra que predominava o poder papal nas mais de 100 universidades existentes em toda Europa no século XV.⁵ Tais instituições funcionavam, de acordo com este autor, como *“aparelhos pedagógicos”*, pois determinavam a lei (Faculdade de Direito), a saúde (Faculdade de Medicina) e o sentido (Faculdade de Teologia) do império.

Subordinadas ao catolicismo, as universidades medievais eram obrigadas a oferecer-lhe apoio incondicional, com fins de proteger seus dogmas. Conforme mostra o autor, *“somente o papado era suficientemente esclarecido para perceber o valor relativo das coisas e colocá-las em seu devido lugar”*; para tanto, utilizava-se de *“vários órgãos funcionários, entre os quais, se encontrava a universidade”* (Thayer, 2002, p. 66). Por exemplo, o início dos estudos de línguas tidas como selvagens, pagãs ou bárbaras, inicia-se no século XIII.

No século seguinte, no Concílio de Viena em 1311 é aprovado o ensino das línguas árabe, hebraica e caldeia nas universidades de Oxford, Salamanca, Bolonha e Paris com fins missionários. Era necessário aprender novas línguas, nativas, para poder evangelizar outros povos (Thayer, 2002).

Durante a criação das grandes universidades européias, com a tradução de filósofos gregos e árabes para o latim, principalmente de todo o corpus aristotélico, uma grande ruptura epistemológica vai se fundando no meio acadêmico. A epistemologia tradicional (século XII) – fundada numa perspectiva de cosmo e de ser humano baseada na cultura judaico-cristã e na filosofia platônica – vai dando lugar à epistemologia racionalista (século XVII) – relacionada a teorias do conhecimento cada vez mais racionais e empíricas.⁶ Os ideais aristotélicos, antes proibidos, vistos por teólogos e pela comunidade eclesiástica com desconfiança, começaram a ser aceitos e fazer parte dos currículos (Sommerman, 2006).

Na universidade de Paris, por exemplo, passam a ser obrigatórios, causando inúmeros embates com a Faculdade de Teologia. “*Se a razão platônica e neoplatônica se harmonizavam com a teogonia, cosmologia, a antropologia e a escatologia judaico-cristã, o mesmo não ocorria com a razão aristotélica*” (Sommerman, 2006, p. 11). Esta, com cada vez mais influência, passa a ter predomínio, causando conflitos entre a razão e a fé.

Entretanto, como ressalta Geertz (1978), o ser humano parece ser incapaz de deixar sem esclarecimentos os problemas e questões da vida que não conseguem ser explicados.

Qualquer fracasso crônico do aparato explanatório, do complexo de padrões culturais recebidos (senso comum, ciência, especulação filosófica, mito) que se tem como mapeamento do mundo empírico para explicar as coisas que exigem uma explicação, tende a conduzir a uma inquietação profunda – uma tendência bastante mais difundida e uma inquietação muito mais profunda do que supúnhamos, desde que foi abalada, no bom sentido, a perspectiva de pseudociência da crença religiosa. (Geertz, 1978, p. 115).

Aquilo que está “*além da fronteira relativamente demarcada do conhecimento acreditado e que se avulta como pano de fundo na rotina cotidiana da vida prática*” colocará “*a experiência humana ordinária num contexto permanente de preocupação metafísica e levanta a suspeita difusa, oculta, de que se pode estar perdido num mundo absurdo*” (Geertz, 1978, p. 117). Segundo o autor, numa clara indissociação entre ciência e religião, há uma busca incessante por lucidez e uma torrente de “*ansiedade metafísica*” é derramada sobre o indivíduo quando fenômenos empíricos insistem em permanecer obscuros.⁷

Diante da impossibilidade de explicar tais fenômenos e dessa dificuldade com relação às experiências transcendentais, religiosas, foi considerado pela comunidade científica mais apropriado descartar tais vivências, apegando-se apenas àquilo que pode ser empiricamente mensurado. Assim, começa a ser hegemônico, o rol de teorias que privilegiam o corpo e suas possibilidades em detrimento do espírito e suas manifestações. “*O universo passou a ser visto como fruto do mero acaso da interação das partículas e o ser humano como fruto da simples ‘evolução natural’*” (Sommerman, 2006, p. 14). Se tais posições contribuíram largamente para os avanços tecnológicos e científicos, por outro lado, também favoreceram a fragmentação de conhecimentos, dos saberes e das disciplinas e cooperaram com a redução e o empobrecimento do sentido da vida humana.

A partir dessa ruptura epistemológica na forma de se abordar o conhecimento científico, validado socialmente pela comunidade acadêmica, tem início a ciência considerada moderna. Além da ruptura entre fé e razão, no século XVII passa a ser gestada a separação entre ciência e filosofia. São destacadas as ciências exatas (quadrivium) e as ciências humanas (trivium),⁸ fazendo com que cada uma delas (re)construa suas próprias bases epistemológicas. Aprofundando nessa fragmentação dos saberes, no século seguinte, XVIII, ancorado na filosofia positivista e no desenvolvimento da sociedade industrial, Auguste Comte estabelece uma hierarquização das ciências.

Apoiando-se no Racionalismo e no Iluminismo, Comte as organiza em ciências fundamentais (matemáticas, astronomia, física, química, biologia e sociologia); em ciências descritivas (zoologia, botânica, mineralogia, psicologia) e ciências aplicadas (engenharia, agricultura e educação). Essa fragmentação gradativa do

conhecimento proporcionou a exclusão progressiva de vários campos do saber, como destaca Sommerman (2006, p. 24): “a exclusão da gnose ou da teologia mística no século XIII, da religião no século XVIII, e da filosofia ou a metafísica no século XIX”.

No entanto, muitos pensadores⁹ que viveram em séculos passados, considerados pais da ciência moderna se dedicaram a estudar Deus e a religiosidade, trazendo este debate para o meio acadêmico. Passando pela filosofia Espinosiana, pensador que se dedicou a escrever sobre Deus e sua natureza, além de Copérnico, Galileu Galilei, Francis Bacon, Louis Pasteur, dentre tantos outros, tendo seus escritos, muitas vezes, rejeitados.

Pois mesmo se, desde o século XVII, quando nasce a ciência moderna, o saber começa a ser fragmentado, devido às metodologias científicas propostas pelas epistemologias racionalistas e empiristas, até o século XVIII todos os grandes pensadores tinham uma formação universal. Newton, Pascal, Descartes e Leibniz escreviam tanto sobre a matemática e a geometria como sobre a teologia e a graça (Sommerman, 2006, p. 22).

Mas, com essa supervalorização das ciências exatas, de conhecimentos físicos e matemáticos, passa-se a considerar que para conhecer é preciso mensurar, quantificar. Como é possível perceber nas críticas à ciência moderna de Santos (1997, p. 15), o rigor da “ciência” é aferido pelo rigor das medições, onde “o que não é quantificável é cientificamente irrelevante”. Esse paradigma racional dominante de ciência, atualmente ainda perceptível no campo acadêmico, passa a vigorar sobre as ciências sociais emergentes, sobretudo, no século XIX. Assim, são considerados, portanto, irracionais e destituídos de cientificidade as humanidades, ou ainda de acordo com o autor, os conhecimentos humanísticos, entre eles, os filosóficos e teológicos. O rigor científico, porque fundado em moldes matemáticos, é um rigor que ao quantificar, desqualifica, ao objetivar os fenômenos os transformam em objetos e os degrada, e ao caracterizá-los, fazem deles caricaturas (Santos, 1997).

O que era fruto de vontade divina passa a ser regido exclusivamente por leis naturais, pois no pensamento moderno não há mais função para o divino. “Deus perde o controle da natureza (expulso por Darwin), o controle da história (expulso por Marx), o controle da consciência humana (expulso por Freud)”, culminando com a sanção de sua morte por Nietzsche. “Corrigindo Nietzsche, [...] o mundo moderno não matou Deus, mas, com certeza, O despediu de todos os seus ‘empregos’” (Modesto, 2006, p. 78).

A partir do entendimento de conhecimento como a capacidade de ordenar, classificar, distinguir e atribuir sentidos às coisas, pode-se dizer que “a religião também é uma esfera produtora de conhecimento”; mesmo considerado falso por cientistas, mas, eficaz para determinados grupos sociais (Modesto, 2006, p. 81). Pois, para parte da população é por meio “do discurso e dos ritos religiosos que o mundo recupera a unidade perdida nos tempos modernos” (Modesto, 2006, p. 83).

Reconhecendo que a religião permanece como força atuante na formação humana, ao lado do ensino acadêmico universitário, dentre outros modelos educacionais, salienta-se a necessidade de se analisar o papel que a religiosidade na UFMG vem desempenhando na vida acadêmica de seus/as estudantes por intermédio de grupos organizados.

Novaes (2005, p. 263) aponta que a religião – ao lado de outros recortes como de classe, de gênero, de raça ou cor, entre outros – “pode ser vista como um dos aspectos que compõem o mosaico da grande diversidade da juventude brasileira”, ocupando lugar surpreendente entre os assuntos que a juventude gostaria de discutir não só com os pais, mas também com amigos e com a sociedade. Perez, Tavares e Camurça (2009) pontuam que a religião ainda é fonte de sentido e de experiência à juventude. Não necessariamente uma religião institucional e tradicional, ou produto de consumo, mas religiosidades referenciadas culturalmente; sensibilidades religiosas que acionam o sagrado e sua propriedade de aproximar coisas e/ou ideias e fazer articulações. Dayrell (2009, p. 12) confirma essa ideia e, indo além, mostra que os/as jovens “estão a nos dizer que a esfera religiosa é uma das dimensões presentes e significativas no seu processo de construção social, demandando um esforço de adensamento teórico”.

Devido à falta de trabalhos no campo do lazer sobre religiosidade no ambiente universitário; pela pertinência e importância do assunto para os estudos sobre lazer, juventude e religião; e, devido às possíveis contribuições às Universidades, bem como à sociedade, justifica-se o desenvolvimento de investigações que aprofundem sobre tais temáticas.

4 REFERÊNCIAS

- Carrano, Paulo. (2009). Jovens universitários: acesso, formação, experiências e inserção profissional. In: Sposito, Marília Pontes. *O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)*. Vol. 1. Belo Horizonte: Argvmentvm, p. 179-228.
- Chauí, Marilena de S. (2007). *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez.
- Dayrell, Juarez. (2009). Prefácio. In Perez, Léa Freitas; Tavares, Fátima; Camurça, Marcelo Ayres; Pereira, Amanda. *Ser jovem em Minas Gerais: religião, cultura e política*. Belo Horizonte: Argvmentvm, p. 11-13.
- Geertz, Clifford. (1978). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Marcellino, Nelson C. (2007). Lazer e cultura: algumas aproximações. In Marcellino, Nelson C. *Lazer e cultura*. Campinas: Alínea, p. 9-30.
- Marciano, Renata Cristiane; Oliveira, Eduardo Araújo de; Silva, Humberto Corrêa, Filho. (2009). UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *Transtornos mentais e qualidade de vida em crianças e adolescentes com doença renal crônica e em seus cuidadores*. 129 f., enc. : Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina.
- Modesto, Ana L. (2006). Religião, escola e os problemas da sociedade contemporânea. In Dayrell, Juarez. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. 2. reimp. Belo Horizonte: UFMG.
- Novaes, Regina R. (2005). Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença? In Abramo, Helena W. & Branco, Pedro P. M. *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 263-290.
- Oliveira Heli Sabino de. (2000). *Jovens Pentecostais e a escola noturna: significados atribuídos às experiências escolares*. 200 f., enc. : Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
- Perez, Léa F. (2009). Apontamentos sobre juventude, religião e valores. In Perez, Léa F., Tavares, Fátima, Camurça, Marcelo A. & Pereira, Amanda. *Ser jovem em Minas Gerais: religião, cultura e política*. Belo Horizonte: Argvmentvm, p. 99-123.
- Perez, Léa. F., Tavares, Fátima, Camurça, Marcelo. (2009). Imaginário religioso, moral e política entre a juventude mineira. In Perez, Léa. F., Tavares, Fátima, Camurça, Marcelo. A. & Pereira, Amanda. *Ser jovem em Minas Gerais: religião, cultura e política*. Belo Horizonte: Argvmentvm, p. 191-200.
- Pierucci, Antônio Flávio de O. & Prandi, José Reginaldo. (1996). *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: Universidade de São Paulo: HUCITEC.
- Prandi, José. R. Perto da magia, longe da política. In Pierucci, Antônio Flávio de O. & Prandi, José R. *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: Universidade de São Paulo: HUCITEC, p. 93-105.
- Procópio, Carlos E. (2009). Uma outra juventude universitária católica: notas sobre os grupos de oração carismáticos na universidade. In Perez, Léa F., Tavares, Fátima Camurça, Marcelo Ayres & Pereira, Amanda. *Ser jovem em Minas Gerais: religião, cultura e política*. Belo Horizonte: Argvmentvm, p. 175-189.
- Ribeiro, Jorge C. (2009). *Religiosidade jovem: pesquisa entre universitários*. São Paulo: Loyola: Olho d'Água.

Romera, Liana A. & REIS, Heloisa H. B. (2009). Uso de álcool, futebol e torcedores jovens. *Motriz*, Rio Claro, v.15 n.3 p.541-551, jul./set.

Santos, Boaventura de Sousa. (1997). *Um discurso sobre as ciências*. 9.ed. Porto: Afrontamento.

Silva, Leonardo V. E. R. et al. (2006). Fatores associados ao consumo de álcool e drogas entre estudantes universitários. *Rev. Saúde Pública [online]*. vol.40, n.2, p. 280-288.

Sommerman, Américo. (2006). *Inter ou transdisciplinaridade?: da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre saberes*. São Paulo: Paulus.

Sposito, Marília P. (2009). *O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)*. Vol. 1. Belo Horizonte: Argvmentvm.

Stengers, Isabelle. (1990). *Quem tem medo da ciência? ciências e poderes*. São Paulo: Siciliano.

Thayer, Willy. (2002). *A crise não moderna da universidade moderna: (epílogo de o conflito das faculdades)*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

¹Com base nos dados do ano de 2009, disponível em <http://www.ufmg.br/conheca/nu_index.shtml>. Acesso em: 28 de agosto 2010.

²São exemplos dessas ações o *Curso de Extensão Saúde e Espiritualidade* desenvolvido pela Faculdade de Medicina da UFMG e a *III Semana do Criacionismo* promovida anualmente pela Aliança Bíblica Universitária (ABU) envolvendo quase todas as unidades da Universidade por meio de palestras, mini-cursos, oficinas e apresentações culturais.

³Devido o caráter polissêmico desses termos, a discussão aprofundada sobre tais conceitos será realizada em outro momento.

⁴Exemplos disso são os programas federais Prouni – Programa Universidade Aberta para Todos e o Reuni - Reestruturação e Expansão das Universidades Federais. Sobre os programas ver *sites* oficiais em <http://prouniportal.mec.gov.br/> e <http://reuni.mec.gov.br/>.

⁵Como ressalta Stengers (1990), apesar das conhecidas contribuições orientais, como a química chinesa, a óptica árabe, a astronomia babilônica, e até mesmo a asteca, a acessível história das ciências é, e vem sendo, construída ocidentalmente, a partir, basicamente, da cultura greco-romana.

⁶De acordo com Sommerman (2006, p. 14), sucintamente, o racionalismo “é a posição epistemológica que vê no pensamento, na razão, a fonte principal do conhecimento” e o empirismo “a posição epistemológica que vê na experiência a única fonte do conhecimento humano”.

⁷Para exemplificar, Geertz (1978, p. 115) comenta: “Afim de contas, até mesmo esse prelado superior do ateísmo heroico, Lorde Russell, observou certa vez que, embora o problema da existência de Deus nunca o tenha perturbado, a ambiguidade de certos axiomas matemáticos ameaçava desequilibrar sua mente. E a profunda insatisfação de Einstein com o quantum mecânico baseava-se na incapacidade dele de acreditar que, como dizia, Deus joga dados com o universo — uma noção bem religiosa”.

⁸Tanto o *trivium* (gramática, retórica e dialética), quanto o *quadrivium* (aritmética, geometria, astronomia e música) eram modos gregos de organização do conhecimento adotados na Europa, considerados prolegômenos da teologia (Sommerman, 2006).

⁹O termo masculino “pensadores” é proposital. Apesar de muitas mulheres se dedicarem à diferentes ramos da ciência ao longo da história, como Caroline Herschel (1750-1848), Maria Gaetana Agnesi (1718-1799) e Maria Mitchell (1818-1889), sabe-se da pouca visibilidade que as mulheres receberam pela comunidade científica (SILVA, 2004).